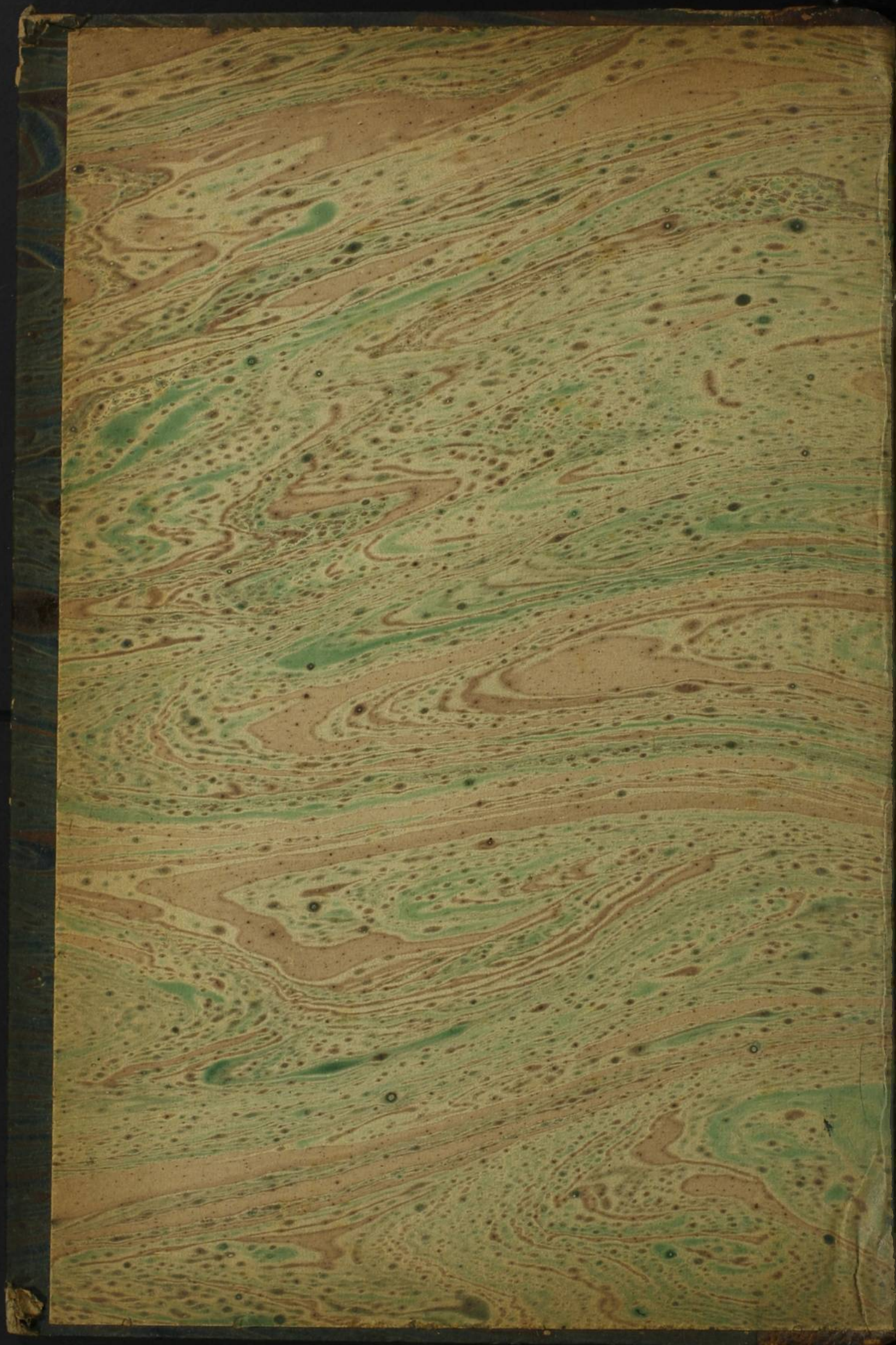
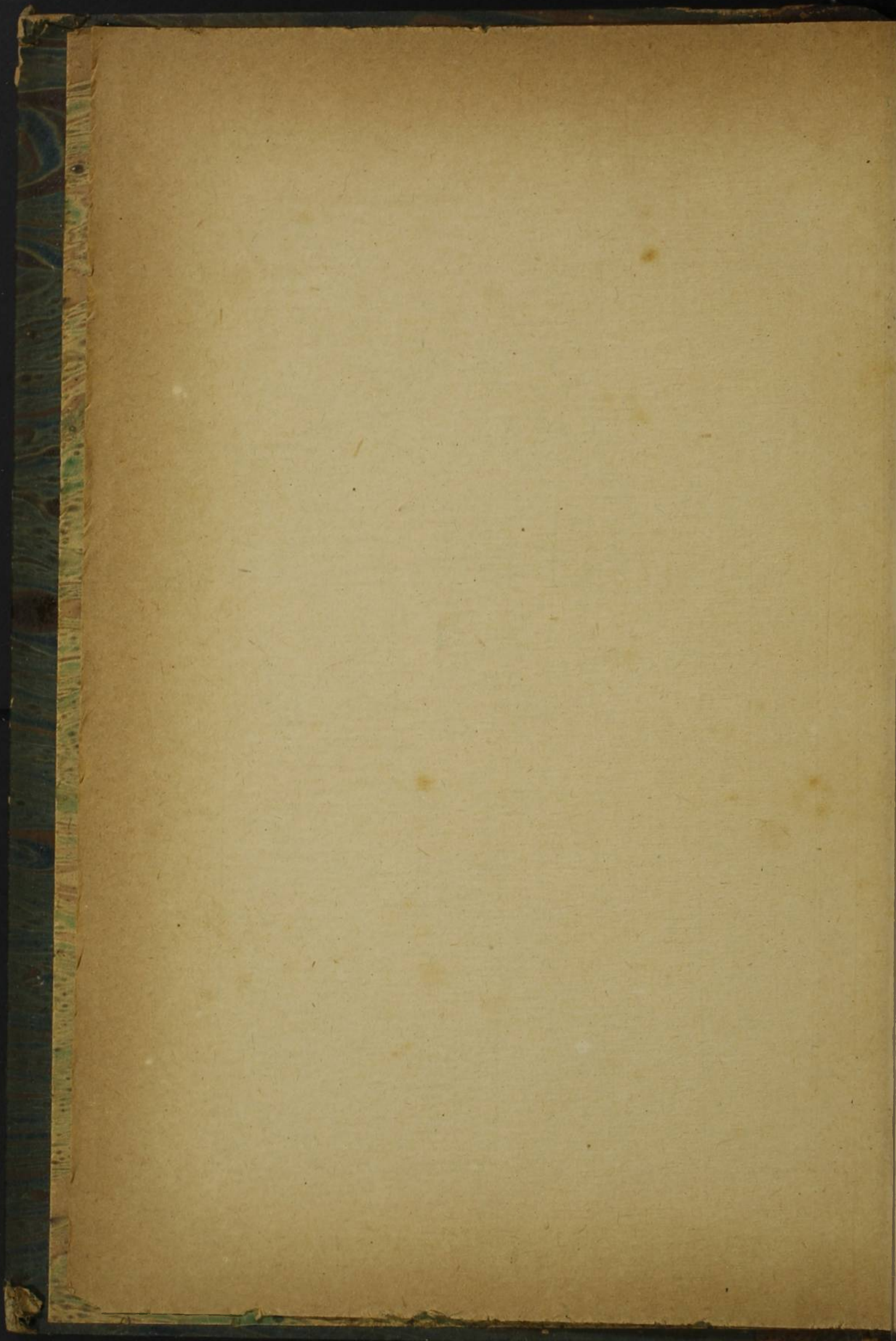


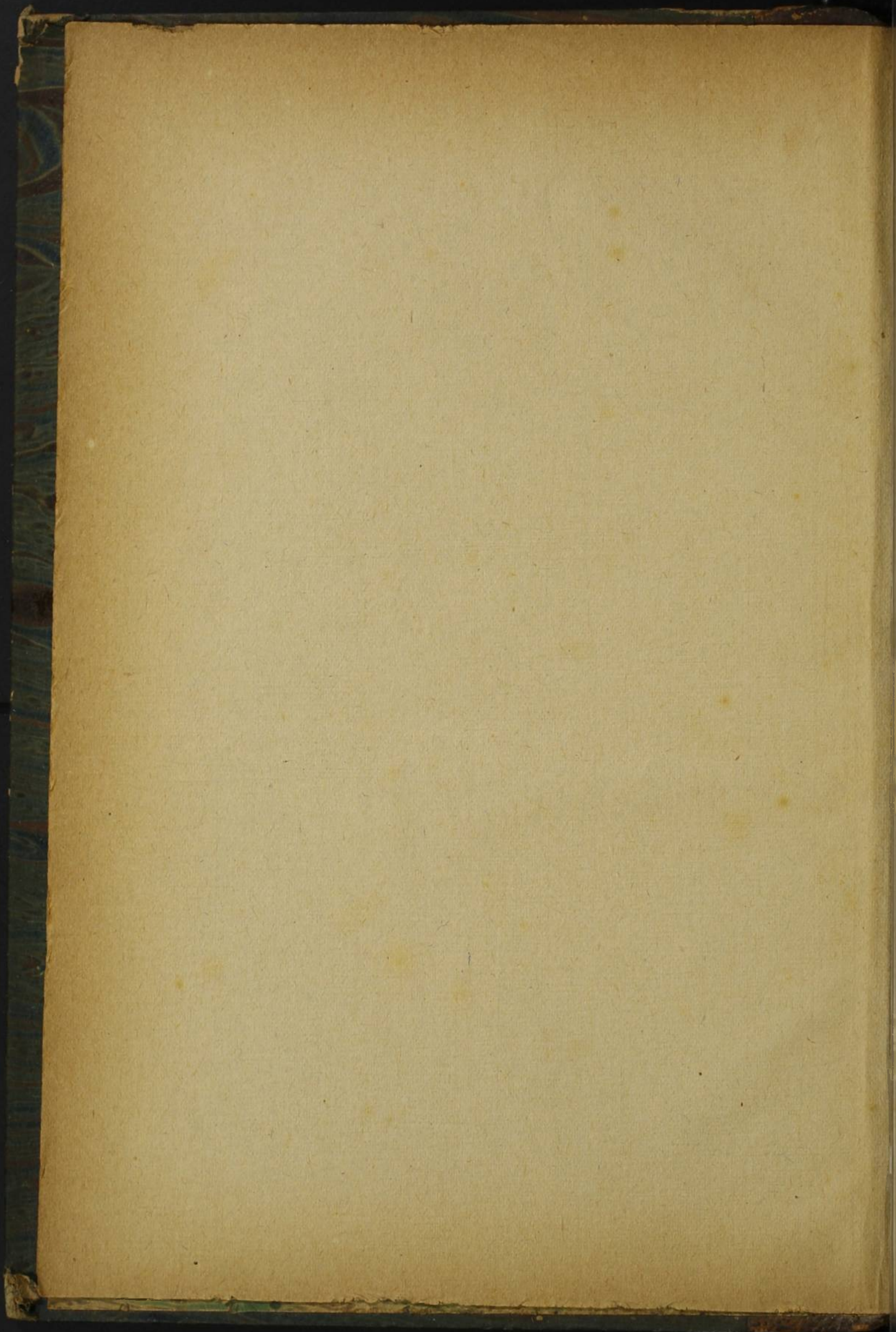


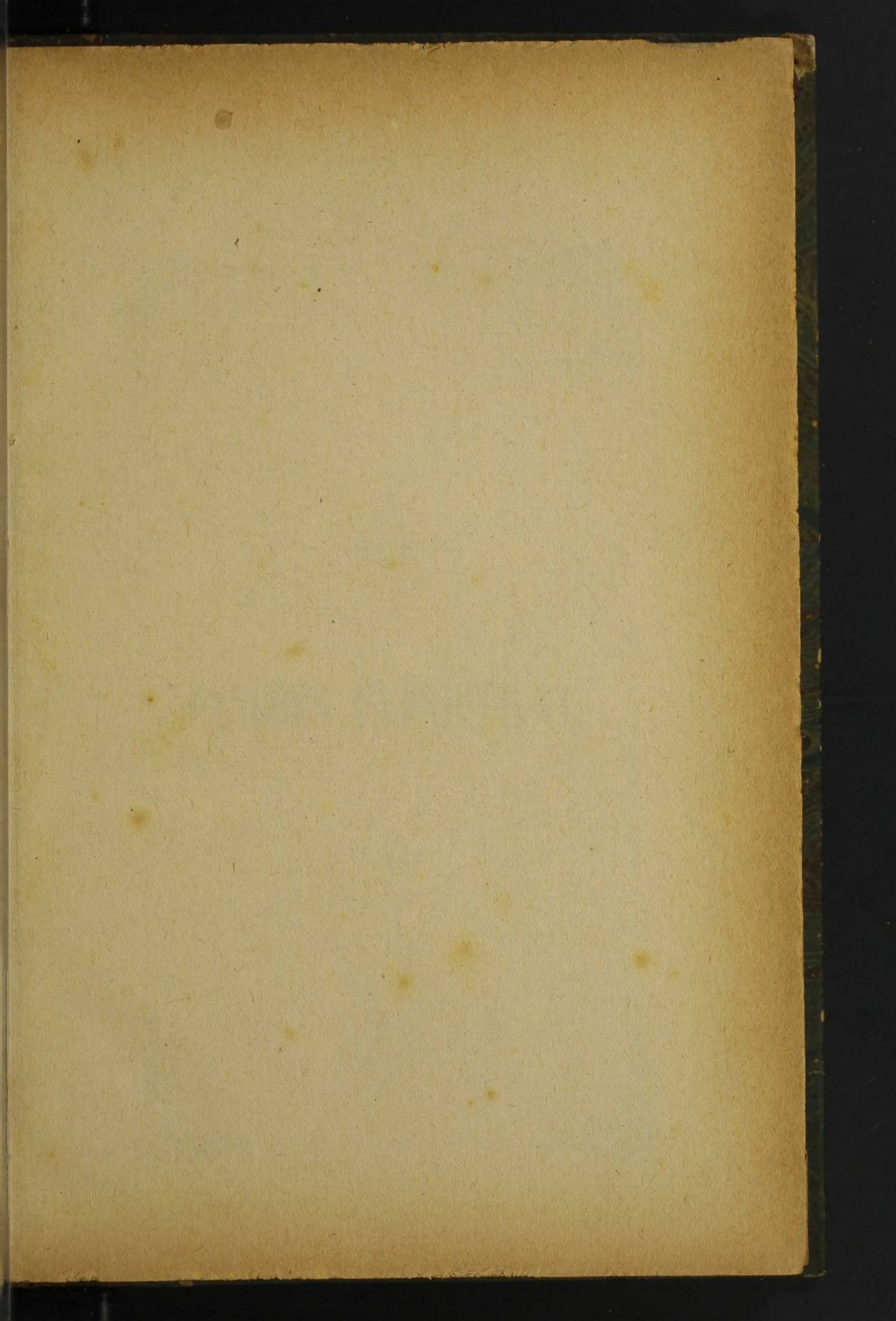






Worcester









**CANÇÕES PATRIOTICAS.**





---

# CANÇÕES PATRIOTICAS

POR

D.

(Dr. Antônio Gonçalves de Carvalho)

---

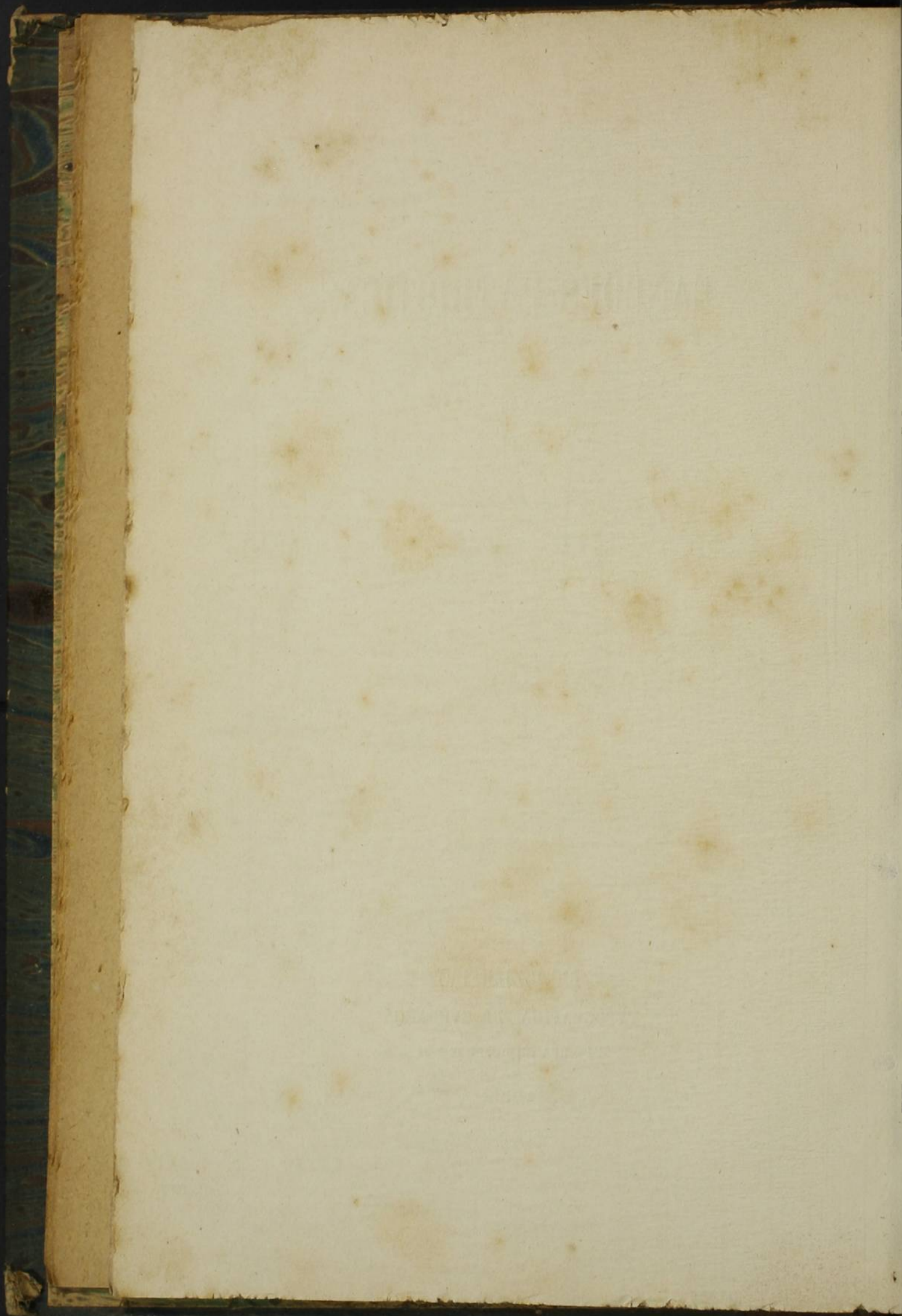
RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA PERSEVERANÇA

91—RUA DO HOSPICIO—91

---

1865.



## DUAS PALAVRAS.

---

Não é como pretendente ás glórias litterarias, que faço a presente publicação. Os criticos sejam, pois, severos e desapiedados mesmo — para com o meu pobre livro, sem terem receio de cortar esperanças, — que não represento, ou de trazer o desanimo a uma vocação decidida, — que não sou.

Meu pai está ausente e defende a esta hora a honra de sua patria no campo de batalha. Minha ambição unica é—enviar-lhe— de tão longe uma pequena lembrança de filho e amigo e, creio eu, as *Canções patrioticas* podem satisfazer plenamente esta ambição.

Estes versos, fil-os animado do mesmo sentimento, que hoje exalta todos os brasileiros. Ouso pensar, que, talvez, elles não sejam lidos com indifferença pelos meus concidadãos.

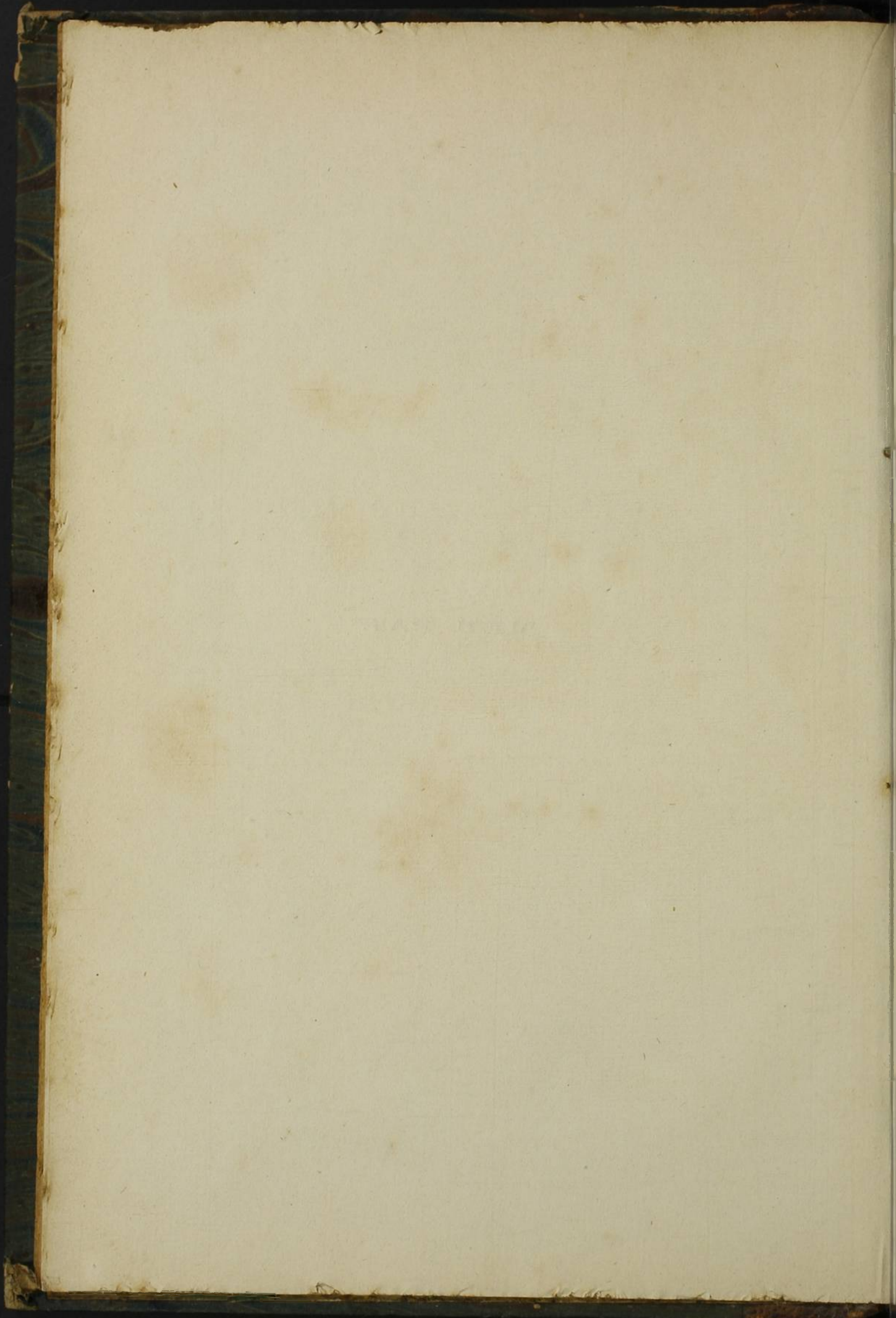
Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1865.

D.



À

MEU PAI.



DEUS, PATRIA, LIBERDADE!

(DIVISA DO ATHENEU PAULISTANO).

DEUS, PATRIA, LIBERTADE!

(MUSEO DO AGRICULTOR PARANÁ)

## CANÇÕES PATRIOTICAS

---

### À GUERRA, À GUERRA!

#### I.

Escutai a arvore gigante da floresta : « Sou forte ; encontra-me calma a tempestade enfurecida e nem me inclino ao tufão, que brame. Si algum dia o fragil braço de um infante me pudesse abalar e a brisa me fizesse estremecer, eu prefiriria tombar sem vida a existir entre ludibrios e vergonhas. »

Escutai o condôr soberbo : « Fito o céu e me atiro a elle por entre as nuvens, que não me deteem o vôo altivo. Mas si acaso o passarinho, que o simples passo do caçador apavóra, puder rir-se impunemente de mim, pedirei a Deus um raio, que me fulmine. »

Escutai o magestoso rio : « Atravesso regiões immensas e um povo de bravos habita minhas margens fertilissimas. Não restasse o menor vestigio de mim após horriavel catastrophe, si pequeno rochedo me tornasse para adiante feio e despresivel ribeiro. »

II.

Como és bella minha patria! Tens flôres como o paraizo; beijam-te a fronte perfumadas brisas; correm-te aos pés ondas de ouro e diamantes; tens serranias, de que o heroismo teu faria novas e encantadoras Thermopylas; avesinhas gentis amenisam teus valles cantando!

E's grande! O estrangeirô admira a vastidão de tuas praias alvas e seductoras; tuas varzeas longas e verdes de vegetação parecem á vista confinar com o céu; percorrendo-se as tuas mattas ter-se-hia uma noute eterna na escuridão dellas. Para cobrir-te de gente fôra precisa a população de um globo inteiro!

E's forte! A coragem fulge nos olhos de teus filhos, na paz amigos, na peleja leões. Tens nas entranhas ferro para armar mil exercitos; tuas florestas pejariam os mares de poderosas esquadras. Cumprissem todos com o seu dever e só o braço de Deus te esmagaria!

III.

Mas, que tristeza é a tua? Não são sómente os velhos leopardos da Europa, que te veem amargurar os dias com insultos e motejos. Potencias, que teu pé reduziria a pó, cospem-te injurias e riem-se de ti. E teu orgulho de nação joven, ardente, briosa, soffre, soffre muito!

Ergue-te, povo! Si és a arvore gigante e tudo te abala, tomba no chão, não vive ingloria! Si és o condôr escarnecido, pede a morte em teu desespero! Si és o Amazonas e consentes em tornar-te obscuro

e estreito riacho, esvaeçam-se tuas aguas e sêque teu leito humilhado !

Ou então — á guerra, á guerra ! Hade ser ao troar dos canhões, no refterver das batalhas, ao carregar da cavallaria valente, ao gemer dos feridos, aos gritos victoriosos de teus soldados-heróes, que teu pavilhão se realevantará brilhante e rehabilitado entre nuvens de fumo, ante o mundo cheio de assombro !

A' guerra, á guerra !

Rio, 1864.—Dezembro—24.

o castelo riuho, e a terra  
ten lito humilhado.  
Ou então, a terra, a terra, a terra  
dos canhões, e a terra, a terra, a terra  
castelaria valente, e a terra, a terra, a terra  
victórias de a terra, a terra, a terra  
se resplandecer, e a terra, a terra, a terra  
de fúria, e a terra, a terra, a terra  
A terra, a terra, a terra

Ho, Ho, Ho

**A' PATRIA.**

Patria do meu amor, lucida chamma,  
Que d'este continente o fogo immenso  
Soberana dominas!

Marcha, — a teus passos surgirão victorias;  
Lucta, — e na frente sentirás a c'rôa  
De flôres diamantinas!

Além no campo da peleja s'erguem  
Os teus nobres soldados com as faces  
Abrasadas aos sóes.

Que importa o mundo diga que são poucos,  
Si amanhã clamará maravilhado  
Que todos são heróes?

Oh grande foi o insulto e o povo altivo  
Deve inflingir ao tresloucado despota  
Amarga punição!

Saia-te a guerra do orgulhoso seio  
Como se arrója intrepido o Amazonas  
Dos mares n'amplidão!

Tombe a maldicta fortaleza ao choque  
De tuas ballas, sem que possa um dia  
Levantar-se terrivel!

Caia esse ninho de vergonhas e crimes,  
D'onde ao viandante colhe desarmado  
Serpente despresível!

Oh vinde, vinde, cidadãos valentes!  
Mostrai aos orbes que o Brasil desperta  
Do seu longo dormir!  
E que o desdouro da passada inercia  
Lavará a nação joven, briosa,  
Nas glórias do porvir!

Nas praias rollam prateadas ondas,  
Tremem as naves ao propicio vento,  
O céu é ouro e azul!  
Oh tudo, tudo, vos repete AVANTE!  
A nave, a onda, o vento satisfeitos  
Vos levarão ao Sul!

As florestas se pejam de perfumes,  
No prado as flôres languidas suspiram,  
Voam aves cantando!  
Cantos das aves, flôres e perfumes,  
Fôras indigna, oh patria, de gozal-os,  
Injurias tolerando!

Ordena Deos que de Satan aos gritos  
Caminhe surdo o aventureado crente,  
Pisando-o sem temôr!  
Da America o Satan hoje esbraveja;  
Marcha sobre elle e sentirás na fronte  
Das glórias o fulgôr!

Mangaratiba, 14 de Janeiro de 1865.



## OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

### I.

#### O LAVRADOR.

A patria offendida reclama dos filhos  
Contra esse tyranno da pobre Assumpção  
O braço valente na luta renhida,  
No golpe certaíra, temível a mão!

Eu parto, deixando de *canna* um roçado  
De mais de mil pés, que pertence-me todo.  
Prefiro arriscar-me a perder minhas *posses*  
A ver meu pendão arrastado no lôdo!

Quando era mais moço affrontei *derrubadas*,  
Em lascas fazendo gigantes *ipés*!  
Do sol aos ardores a fronte abrasava  
E as *cobras* terriveis pulavam-me aos pés!

Os braços, que sabem fazer *derrubadas*,  
Abatem brincando servís paraguayos!  
Os olhos, que o sol não cegou tão ardente,  
Fulminam o imigo, despedem-lhe raios!

As cobras não temo; que importa-me a serpe,  
Que ousada offendeu minha joven nação?  
O mundo ha de vêr como nós voluntarios  
Havemos mata-la, pisando-a no chão!

Direi, avistando as contrarias phalanges,  
Comigo sorrindo, « que immensa coivára! »  
A pó ellas todas serão reduzidas,  
Ao fogo dos bravos, que a patria enviára!

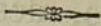
E o tigre, que os nossos irmãos assassina,  
Confia sómente na fera Humaitá!  
O que ha de mais rijo abatemos folgando;  
Em pé ante nós ella não ficará!

O peito brasílio é na guerra a que vamos  
Qual tronco de forte, robusta *paineira*.  
Interra os espinhos no abraço da luta  
No peito da gente cruel, traíçoeira!

Stá proximo o tempo da bella *moagem*  
E agora p'ra terras longinquas eu vou!  
Que importa? mais bella é de glorias a c'rôa,  
Que a patria orgulhosa a sorrir me apontou!

Nas mattas as aves mil cantos elevam,  
Os prados, as arv'res se cobrem de flôres.  
Bem cedo ouviremos as aves—saudando-nos,  
E as flôres virão nos ornar—vencedôres!

Fazenda do Monte do Cedro, 20 de Abril de 1865.



## OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

### II.

#### O PESCADOR.

Minha chóça abandono, meus filhos  
Ficarão soluçando por mim!  
E a mulher, que me faz tão ditoso,  
Ai, meu Deus, já soffreu tanto assim?

Não importa; o dever me arrebatou  
Para longe da terra gentil!  
Vou lutar com o imigo insolente,  
Vou vingar o meu patrio Brasil!

Eu lamento deixar estas praias,  
Onde as vagas desmaiam—de amor!  
Mas alegre verei conquistadas  
Hostis plagas—da lucta ao furôr!

Como fógem da minha canôa  
A tremerem os peixes a mil,  
Fugirão os crueis inimigos,  
Vendo as hostes do patrio Brasil!

Este mar é sereno, é tranquillo,  
Mas ás vezes o irrita o tufão.  
São d'aqui todos bons quando amigos,  
Ante o insulto medonhos serão !

Eu as ondas não temo raivósas,  
Cahem raios e as sulco febril.  
Sorrirei entre as ballas na lucta  
A vingar o meu patrio Brasil !

Contemplando este céo, estas ondas,  
Em ser livre não se ha de pensar ?  
Para nós será bello bem cêdo  
Paraguayos servis libertar !

Tantas vezes entrégo-me ao vento  
A perdêr-me das vagas no anil....  
Entrarei bem no fundo das terras  
Do tyranno, vingando o Brasil !

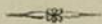
Tubarões despedaçam canôas,  
Onde estão sei—e passo por lá.  
Não, não podem assim brasileiros  
Mesmo fêra temer Humaitá !

Innocentes os peixes combato ;  
Antes guerra a esse despota vil !  
Deixo as rêdes, só quero espingarda,  
P'ra vingar o meu patrio Brasil !

Minha pobre canôa tão leve,  
Minha irmã sobre as ondas, adeus !  
Ai mulher, filhos todos queridos,  
Vós ficais sob a guarda de Deus !

Este céu, que recamam estrellas,  
Este mar, que na calma é anil,  
Hei de vêl-os de novo, mas quando  
Fôr vingado o meu patrio Brasil !

1865.—Abril—20.—Monte do Cedro.



THE  
THE  
THE  
THE

THE  
THE  
THE  
THE

## OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

### III.

#### O TROPEIRO.

Amanhã partirei; não levo *tropa*,  
Vou para a côrte só.  
O *paulista* não póde vêr *patricios*  
Massacrados sem dó!

Viajei nesta estrada muitas vezes  
Com toda a soberbia.  
E' porque homem de honra trabalhava,  
Mesmo a ninguem devia.

Amanhã a cabeça ir-me-ha mais alta  
Montado no *baguá*.  
E' que vou ser da patria voluntario,  
Assaltar Humaitá.

Rosa, o café prepara-me bem cedo,  
Quando cantar o *gallo*.  
Benedicto, has de então vêr os *arreios*,  
Sellar o meu cavallo.

Tyranno paraguayo é a *madrinha*  
D'uma *trópa* servil.  
A's tontas s'escapou do bom caminho,  
Offendeu o Brasil.

Coitado! vai cahir n'um *atoleiro*,  
Vai se perder, bem feito!  
P'ra se livrar s'esforçará debalde,  
Não achará mais *geito*!

Quando da serra avisto o mar ao longe,  
Sinto grande emoção!  
Pois quero agora atravessal-o mesmo  
Ao bramir do tufão!

Eu *ardo* por chegar bem cêdo ás plagas,  
Que o inimigo habita!  
Só desejo bater na luta em ira  
Essa gente maldicta!

Minha viola, dôce companheira,  
Não posso te deixar!  
Quero a teu som, tangendo-te contente,  
A victoria cantar!

Nas noites claras triste a minha terra  
Alembrarei contigo!  
No *pouso* dormirás junto a meu peito  
O somno, brando, amigo.

Sei manejar a faca e a pontaria  
Não erro do trabuco.  
Não toléro insolencias, trema aquelle  
Que se finge maluco!

Hei de ser bom soldado, combatendo,  
Da patria voluntario!  
Saberei com destreza n'um momento  
Derrubar o contrario!

---

Amanhã, quando n'alva prasenteira  
Inda o orvalho cahir,  
As faces molhar-se-hão na despedida  
Ao pai que vai partir!

Se eu morrer, minha gente, na peleja,  
Orem todos por mim,  
Se o tropeiro é bem pobre, quando morre,  
Morre com honra assim!

Monte do Cedro, 20 de Abril de 1865.

---

1800  
The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

The first of the year  
The first of the year  
The first of the year

## OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

### IV.

#### O VAQUEIRO.

Meus pais e irmãos da *sêcca* foram victimas,  
Na terra estou sosinho.  
Eu posso ir para a guerra sem receio  
De encher de dôres na partida o seio...  
A caminho, a caminho!

O *patrão* me contou façanhas horridas  
Dos crueis paraguayos!  
A raiva me transporta e o brasileiro  
Desaffrontando injurias é—guerreiro  
E tem na mão mil raios!

Vamos, vamos! De *couro* os hombros cúbre-me  
O *gibão* rijo e forte!  
Agora quero a farda,—o nobre traje  
De quem nos prelios, repellindo o ultrage,  
Vê sem tremêr a morte!

Hei de pisar as terras desse dèspota  
Co'a maior alegria!  
Cobertas d'espinhos... muito embora!  
*Mandacarús* me ferem desde a aurora  
Até findar o dia!

Nas mattas a cavallo ardente embrenho-me  
Na mais febril corrida!  
Persigo o *tour*, onde elle passa, eu passo,  
*Ferrão* em punho, despresando o laço,  
Até tirar-lhe a vida!

Póde, póde fugir Solano estólido,  
De meus irmãos sicario!  
Mas verá como o segue audaz, ligeiro,  
Sem parar, sem cançar, pobre *vaquero*,  
Do Norte voluntario!

Maio 17 de 1865.

**AO 3.º BATALHÃO D'ARTILHARIA A PÉ.**

COMMANDANTE, CORONEL CARVALHO.

Batalhão da victoria, segue, ávante!  
Além estão do despota arrogante  
Tantos nossos irmãos feitos escravos!  
Algêmas, que a villeza fabricára  
E que a traição mais negra atar ousára,  
Devem quebra-las cêdo mãos de bravos!

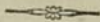
De Gengiskan os barbaros guerreiros,  
D'Attila crú malvados companheiros,  
Venceram em ferêsa os paraguayos!  
No teu pendão a cruz está gravada,  
Tu vais desempenhar missão sagrada,  
São tuas ballas da justiça os raios!

Has de ser bello na pelêja immensa,  
Do fumo atravessando a nuvem densa,  
Escalando Humaitá, — raivôso, ardente!  
Caminha! desse exercito brilhante,  
Que vai ao Paraguay ser triumphante,  
Legião briosa, marcharás na frente!

Viéste dessas margens magestosas  
Junto das quaes as aguas orgulhosas  
Do Amasonas famoso vão correndo!  
Imita, batalhão, grandeza tanta,  
Que ahi Deos imprimio, e o mundo espanta  
Na luta a desfechar golpe tremendo!

Marcha! vieste rapido do Norte,  
E' lá que o nosso sol fulge mais forte;  
Pois bem! serás na guerra o mais temivel!  
Terás da gloria os mais formosos brilhos,  
São teus soldados da victoria os filhos,  
Ha de a patria acclamar-te hoste invencivel!

Campos, 12 de Abril de 1865.



**AOS VOLUNTARIOS PARAENSES.**

Atravez das ventanias,  
Das mattas virgens, sombrias,  
Das cascatas alvas, frias,  
Ouvís o grito de irmãos !  
Correis a formar ingente  
Legião, forte e valente ;  
Almejais a luta ardente,  
Briósos concidadãos !

Que importa esteja distante  
Matto Grosso agonisante,  
E o tyranno triumphante  
Nos olhe impune a sorrir ?  
Para salvar brasileiros  
Não ha sêrros altaneiros,  
Nem mar, que aos nossos guerreiros  
Possam o passo impedir !

Vêde: Flammêja o horisonte,  
De flôres se cobre o monte,  
O Amazonas — mastodonte  
Das aguas, ruge a correr !

Diz o horizonte : « victoria ! »  
Repetem as flôres : « gloria ! »  
E o rio d'alta memoria  
Vem vossas plantas lambar !

Contra a corrente a piróga  
A's vezes saltando vóga  
E apoz mil exforços logra  
Forte corrente vencer.  
O impulso dos paraguayos,  
Por entre os brasilios raios,  
Já s'enfraquece aos desmaios....  
Ante vós ha de ceder !

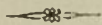
Vinde ! Vergando aos tormentos,  
Jazem tristes, macilentos,  
Os nossos irmãos aos centos  
Nas prisões do Paraguay.  
Féro o inimigo... que importa ?  
A indignação vos transporta,  
Vossa espada tambem corta,  
Sois voluntarios... marchai !

Quem sabe, está destinado  
A algum de vós bem-fadado  
Ser afinal corôado  
Co'o mais brilhante laurel ?  
Queremos nossa bandeira  
Fincada bella, altaneira,  
De Humaitá sobre a trincheira...  
Trema o tyranno cruel !

Defendendo os nossos brios,  
Mostrai altivos, sombrios,  
Que ao pé do leão dos rios  
Surgem brasilios leões!  
Ahi o sol é mais forte ;  
Provai, oh filhos do norte,  
Que vai mais certa a morte  
De vossos feros canhões !

Atravez das ventanias,  
Das mattas virgens, sombrias,  
Das cascatas alvas, frias,  
Ouvís o grito de irmãos !  
Quando alguém insulta ousado  
O nosso pendão sagrado,  
Cada qual s'ergue—soldado,  
São todos—concidadãos !

Campos, Maio 1865.





**AOS VOLUNTARIOS DO RIO GRANDE DO NORTE.**

O povo desperta da patria ao reclamo,  
Ao som do canhão!

Discerram-se as mattas, agitam-se os mares,  
Guerreiros rodêam, surgindo aos milhares,  
O nosso pendão!

Ao Sul invadido lá vão em soccorro  
Do Norte os leões!

E tu, Rio Grande, também os teus filhos  
Verás como s'erguem das glorias aos brilhos,  
Do prelio aos tufões!

Provincia pequena, te pulsa no peito  
Da patria o fervôr!

Assim acordando ao appello da guerra,  
Tu lanças dos olhos o fogo, que atterra,  
Tu causas pavôr!

Pequena, que importa? si mandas á lucta  
Não bravos,—heróes?

Teu céu é bem pobre de estrellas, embora!...  
Ahi por encanto do p'rigo na hora  
Resplendem mil sóes!

Tu mandas soldados á guerra cruenta,  
Sorrindo, bem sei!  
No — adeus — não pranteias, atiras-lhes flôres;  
Velando serena tão intimas dôres,  
Tu dizes « vencei! »

Nas mattas não buscam teus filhos as feras  
Dos antros no horrôr?  
São destros, são fortes, irão ao tyranno  
Roubar de Humaitá, onde volve-se insano  
Em ira, em furôr!

Discerram-se as mattas, agitam-se os mares  
Ao som do canhão!  
Lá vêm mais guerreiros ao Sul se atirando;  
Tão bravos, tão fortes e a patria adorando....  
Assim — vencerão!

Rio, 16 de Maio 1865.



### POESIA

feita por ocasião do embarque dos voluntarios em Campos, a 12  
de Abril de 1865.

OFFERECIDA AO BENEMERITO CIDADÃO JOSÉ MARTINS PINHEIRO.

Um povo deve estremecer de orgulho,  
Quando seus filhos para guerra atróce  
Marcham solemnes a punir o imigo,  
Que sem razão o accometteu feróce.

Doudo! pensava mergulhar na lama  
Esse estandarte de formosas côres!  
Ei-lo que surge mais brilhante ainda,  
Hão de adornal-o da victoria as flôres!

Eil-o alteiando-se invejavel, puro;  
Está embaixo americana plaga.  
A' sua sombra mostrareis, oh bravos,  
Como o Brasil seu offensôr esmaga!

Da Cisplatina nos extensos campos,  
De Paysandú junto as muralhas fortes,  
Os brasileiros combatendo avançam,  
Ardenes sempre, sem temer mil mortes!

Doudo mil vezes de Assumpção o tigre!  
Em Humaitá vê sua esp'rança e gloria.  
Mas Humaitá ante brasilios peitos  
Ha de ser pó — na sem igual victoria!

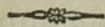
Brasil exulta! si tyranno estulto  
Vem os teus lares assolar ousado,  
E' com bravura que á traição respondes,  
E's um heróe ante o offensôr malvado!

Cahem das mattas as mais bellas flôres,  
Despem-se as arv'res da folhagem densa.  
E' que da patria o territorio santo  
Pisou o imigo na pungente offensa!

Os mesmos rios paraguayas náves  
Com dôr toleram, seu correr é lento  
Dizem as mattas: « assassino infame! »  
Dizem os rios: « roubadôr cruento! »

Avante, bravos; enchugai o pranto  
Da despedida, ide salvar irmãos!  
O mundo todo que contemple como  
Quebram algemas brasileiras mãos!

Sois os soldados da justiça, avante!  
Deos vos envia ao Paraguay, correi!  
As vossas mães, os vossos filhos, todos  
Choram, mas breve hão de sorrir... vencei!



### ANTITHESIS.

#### I.

E' nesta plaga, em que rebentam flôres,  
Que germinam tambem os espinheiros!  
Aqui os ninhos vêdes das serpentes,  
Além condôres voam altaneiros!

E' nesta plaga, em que sublime bate-se  
Juárez pela patria liberdade,  
Que Lopez o traidôr os brasileiros  
Indefesos massacra sem piedade!

Sempre o contraste! limpidos os brilhos  
Da estrella em noite, que fascina e incanta,  
E o antro negro, em que dominam trévas,  
E o tôrvo abysmo, que o viandante espanta!

O estrangeiro, que chega a estas paragens,  
Pasma contempla tanta maravilha!  
Ha de dizer: « é terra pura, edénica, »  
Esta é do Eterno a predilecta filha!

Mas de repente eriçam-se-lhe os cabellos,  
Intenta em vão fugir, de horrôr transido...  
E' que os gritos das victimas escuta  
E a voz cruel do despota—bandido!

II.

Juárez! és condôr, que lucha ousado  
Contra estranho aggressôr!  
O mundo reconhece tua gloria,  
O mundo saudará tua victoria,  
Vôa, lucha, condôr!

Lopez! tu és serpente vil, cruenta,  
Furiosa a morder!  
Atrevida, mataste brasileiros!  
Pois hão de nossos férvidos guerreiros  
Na pugna te abater!

De Juárez a espada é chamma, é raio,  
E' tufão o corsel!  
A espada aos orbes mostra a liberdade,  
O corsel na febril celeridade  
Thrôno esmaga de fel!

Mas não ouvís partir das profundezas  
Um bramido infernal?  
A ausencia de um satânico tyranno,  
Que mancha agora o sólo americano,  
Lamenta o anjo do mal!

Oh genio das Americas, adorna  
A frente do Brasil!  
E' do Mexico irmão! vai bem fadado  
Breve fazer um povo libertado  
Do Paraguay servil!

Campos, 13 de Abril—1865.



## AS VÍTIMAS DA GUERRA.

### I.

E' bem no meio da floresta; as aves  
Trinam alegres as canções suaves  
Em placida manhã.  
Agora a natureza se apresenta  
Em todo o seu fulgôr, mais opulenta,  
Mais formosa e louçã!

Acima ao céu de humida folhagem,  
Que s'espreguiça ao perpassar d'aragem,  
Se ostenta um outro céu.  
As estrellas ahi hão desmaiado,  
Mas é de azul sereno e delicado  
O immenso e eterno véo!

Além o sol os brilhos seus derrama;  
Lá no fundo da matta a vivaz chamma  
Não intorna o clarão.  
A flôr occulta quer gozar tremente  
D'essa luz, que á floresta docemente  
Minóra a escuridão.

O regato murmúra deslísando,  
Os diamantes lípidos lavando,  
Que em seu seio contém.  
Ahi não ha pranteios, nem gemidos;  
As fêras não dão hórridos rugidos,  
São felizes também!

II.

Que grito é esse lastimoso, horrível,  
D'um bando de mulheres levantado,  
Que a floresta invadiram, soluçando,  
E ahi vão s'esconder espavoridas?

Eil-as! ao seio apertam os filhinhos  
Que tem sorrisos n'esta angustia immensa  
Das pobres mãis, os risos da innocencia!  
Outras creanças tremulas as cercam.

Alguns velhos as seguem abatidos,  
As cans ao vento, os pés dilacerados.  
Na quadra, que ao descanso os obrigava,  
Da emigração cruel soffrem os males!

D'onde vêm todos? fógem ao assalto  
Dos selvagens traidores, sanguinarios?  
Querem achar abrigo n'esta matta,  
Onde ferozes animaes vagueiam?

Oh sim! os inimigos são malvados,  
Que tal terror excitam; corajóso  
Contra a mulher ou fragil criancinha,  
Cobardes temem nossas parcas hostes!

Entraram a roubar nos povoados,  
Assolando os lugares florescentes,  
De crimes se fartaram; seu triumpho  
Inglório deu as mãos ao assassinio!

Ai quantos infelizes não ficaram  
Do cansaço vencidos nos caminhos,  
Nos rios caudalosos, ou morrendo  
Na solidão á fome, ao desalento!

Eil-a a fraquêsa triste, fugitiva,  
A tribu perseguida, miseranda!  
Aquelle grito a retunbar na matta  
Revella á natureza mil horrores!

III.

As aves param seu trinar mavioso....

No galho, que vacilla,  
Espantadas contemplam essa gente,  
Que o infortunio exilla!

Depois as asas batem; voam, voam  
N'um alvoroço infindo.  
Gemem baixinho as flores perfumosas,  
Das arvores cahindo.

O regato deslisa mais queixoso  
No seu leito opulento.  
Nuvem negra no céu surge em prenuncio  
De tufão violento.

As feras não se arrojam aos humanos,  
Que fogem d'outras feras.  
Que á compaixão se vergam n'esse instante  
Sem trepidar disséras.

. . . . .

IV.

Monstros, cujas victorias são perfidias,  
O pendão um pedaço da bandeira  
Das hostes infernaes!  
Não vêdes que este imperio se alevanta  
E promette lançar-vos brevemente  
Em convulsões fataes?

Oh despota insolente, não te passa  
Na mente êrma de ideias generosas  
Do castigo o temôr?  
Nas horas, em que o bom dorme tranquillo,  
Abre-te os olhos, decompõe-te o rosto,  
Do pesadêllo o horror!

As imagens das virgens profanadas,  
Das creanças, mulheres, velhos mortos,  
Vês ao redor de ti!  
Queres fugir, não pódes, a justiça  
E Satanaz, teus planos secundando,  
Debalde te sorri!

Pejados de infelizes 'stão teus carceres,  
Vergonha d'este solo americano,  
Ousado insulto a Deus!  
Ha de missão sagrada minha patria  
Desempenhar, quebrando essas algemas,  
Salvando os filhos seus!

Que luz brilhante surge ante teus olhos  
Funesta á prepotencia, que te arrogas,  
Aos teus projectos vís?  
E' a luz da liberdade! hão de leval-a  
Nossos bravos soldados na victoria  
Ao teu pobre paiz!

Treme em teu antro! Humaitá cahida  
Será breve, oh demente ambiciôso,  
Do morticínio heróe!  
Verás como este imperio é nobre e justo:  
Ao tyranno imprudente dá castigo  
E cadeias destróe!

Rio, Fevereiro 1865.

Petites de l'histoire des arts  
Vergil de l'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts

Que l'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts

L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts  
L'histoire des arts

L'histoire des arts

### MATTO GROSSO.

AO BRAVO TENENTE CORONEL JOSÉ ANTONIO DIAS DA SILVA.

No céu o puro brilho das estrellas,  
Na terra este silencio commovente,  
Cessados os rumores da *fazenda*,  
Lembra os gozos de placida ventura,  
Faz desejar o bem de paz tranquilla;  
Mas tudo o que esta noite me derrama  
De mais doces almejos no meu peito  
Inda torna mais agro o pensamento  
De que tantos irmãos estão soffrendo  
Longe de prompto auxilio mil martyrios,  
Que lhes impõem phalanges de sicarios !

Matto Grosso ! és a página de sangue  
No livro do Brasil, a pobre terra,  
Que funesta invasão assola e estraga !  
Tanta scena de horror se tem passado  
Bem perto a éssas mattas inda virgens !  
O morticínio tem vagado ufano  
Em busca de mais victimas nos lares,  
Que pisar não devêra pé estranho !  
Tu, filha melindrosa deste imperio,  
Que da cruz santa á sombra augusta vive,

Das flôres de teu seio tens já visto  
Profanados os lyrios innocentes !  
Tu, alentada ao sol da liberdade,  
Sentes atarem férvidas algemas  
Em roda de teus pulsos humilhados !  
Um theatro de morte e de ruinas  
Está exposto ao mundo em teu recinto ;  
No alto d'elle levanta-se nojenta,  
Escárneo a Deus, insignia do demonio,  
De Lopez a bandeira !

Ha pouco ouvi uns canticos longinquos...  
Eram vozes d'escravos ; quão felizes  
Os filhos do trabalho, quão felizes  
Elles que podem meigas cantilenas  
Da noite misturar ao mago incanto !  
Lá bem longe, nas terras invadidas,  
O cidadão ou geme nos tormentos  
Sob o jugo estrangeiro, ou perseguido  
A' beira das correntes desfallece  
De fome e de fadiga ! Quando a noite  
Seus véos estende por ahi sombria,  
Elle não canta ; apenas de seu peito  
N'aquella escuridão, em que divisa  
A's vezes o luzir d'olhos de féra,  
Sahe-lhe um grito bem fraco, mas supremo,  
A Deos erguido n'ancia do infortunio !  
Alguns, nos pantanaes o salvamento  
Debalde procurando na fugida,  
Aos astros pedem luz, querendo ao menos  
Quem sabe ? n'esse instante do ente charo  
O rosto contemplar, que a morte beija,  
Vêr-lhe nos labios o final sorriso !

Ditoso aquelle a cuja vista as filhas  
Do seu amôr não foram submettidas,  
Tão pallidas e bellas, ao supplicio  
Que lança a nodoa eterna em puros seios!

Agora mesmo dormem socegados  
Nas humildes cabanas lavradores  
Desherdados dos dotes da fortuna.  
Pobres sim, mas de certo venturosos,  
Que não os expelliu dos proprios lares  
A cruel invasão; que não fugiram  
Para os ermos, fulgindo-lhes ao longe  
A luz do incendio a consumir os restos  
Dos bens, que o inimigo desdenhara!

Esta é hora em que o anjo do descanso  
Brandamente do somno o véo estende  
Sobre as fronte cahidas.  
Mas para ti, população batida  
Pelo tufão medonho da desdita,  
Não ha descanso e o anjo piedoso,  
Ao retinir das homicidas armas,  
Veiu p'ra longe — triste por deixar-te!

A tantos males, misera, succumbes!  
Até a inundação e a mesma fome  
Os dias te amarguram!  
E' que Deos te esqueceu, bem como a patria  
Que deixou-te indefesa ante a cobiça  
Do paraguay despota?  
Aqui n'este torrão abençoado  
Tudo revélla as eternaes grandêzas;

O rio, a fiôr, a catadupa, as brisas,  
A onda, os risos d'alvorada, as aves,  
O sol abrasador, tudo annuncia  
Que além d'aquelle céo cheio d'estrellas  
'Stá assentado magestoso e bello  
O throno d'esse Deos tão bom e justo!  
E' que a tribulação, em que tiritas,  
Pelo bom Deos seria consentida,  
Até mesmo ordenada... oh impossivel!

Pobre provincia, surges a meus olhos  
Qual funebre visão neste momento!  
Eu vejo-te formosa na desgraça,  
Moribunda, abatida á triste sombra  
Das tuas mattas, cêdo despojadas  
Dos amenos verdôres; tens na fronte  
Banhada em sangue a c'rôa dos martyrios!  
No peito, da traição a mão cruenta,  
Afiado punhal lésta vibrando,  
Abriu larga ferida! Do teu leito  
As flôres já perderam seus aromas,  
Calcou-as pé impuro de inimigos!  
Tens por somno agonia interminavel,  
Por sonhos bem crueis presentimentos,  
Por esperança talvez Deus sómente!

E podem Brasileiros ter sorrisos  
Nessa angustia de irmãos? póde a alegria  
Divagar entre nós festiva e bella?  
Não desagradarão dos instrumentos  
Outros sons que não sejam bem plangentes?  
Devêra o lucto nos cobrir em quanto  
Das hostes patrias o valor indomito,

Como as aguas de infrene catadupa,  
Não limpasse a provincia acommettida  
Da presença humilhante dos bandidos!

Longe, longe de ti eu te deploro,  
Do meu torrão natal irmã saudosa!  
Nesta hora avançada eu te pranteio,  
Como pranteia agora mesmo a noite  
Sobre a flôr desbotada, immurhecida!  
Eu choro as provações, que dilaceram  
Teu peito de rainha e alma de anjo!  
Eu choro não poder, cheio de força,  
Co'o braço de valente ir sem demora  
A teu soccorro, oh victima sublime!

Estrellas, que fulgis no firmamento,  
Sois os olhos de Deus! fitai-vos todas  
Nessa plaga inditosa! Vêde agora,  
Oh meu senhor, quão fundo é o soffrimento  
Dos filhos do Brasil! Tu, sol brilhante,  
E's a chamma de Deus, luz da justiça...  
Surgirás amanhã! Si fôr bem tardo  
Da patria o esforço em prol de Matto Grosso,  
Tu, meu senhor dos céos, manda mais fortes  
Os raios de teu sol, abrasa e mata  
Os crueis invasôres; magestoso  
Reduz a pó,—vergonha deste seculo,  
Escárneo a ti, insignia do demonio,  
De Lopez a bandeira!

Quissaman, 22 de Abril—1865.



## POESIA

A' memoria de meu mestre e amigo

O TENENTE CORONEL JOSÉ PEDRO HEITOR.

### I.

E' bello vêr como briosa e altiva,  
Offendida por barbaros visinhos,  
    Disperta uma nação!  
Correm seus filhos á porfia ao campo,  
Onde se alteia explendido de brilhos  
    O sagrado pendão!

Estranho fogo até as margens chega  
Do Amasônas vastissimo, exaltando  
    O brasilio condôr!  
Eil-o que estende as asas e sorrindo  
Para cruenta lucta as garras abre:  
    Oh treme, insultadôr!

Caminham para a guerra entusiasmados  
Os batalhões temiveis entre applausos  
    Febrís da multidão.  
Oh sim, contra o inimigo serão elles  
Na defêsa qual rócha inabalavel,  
    No ataque — furacão!

Rufam na praia marciaes tambores;  
Na despedida aos bravos cobre a fronte  
Uma nuvem de dôr.  
Arfam nas ondas ao sôprar do vento  
Da expedição as naves; o adeus ultimo  
E' dicto com fervôr!

II.

Mas n'aquella phalange corajosa  
Falta um soldado.  
Talvez dos companheiros ao embarque  
Marche appressado.

E' valente guerreiro; quando a patria  
Se lança á guerra  
Elle não falta e ao inimigo, a espada  
Movendo, aterra!

Já combateu no Sul contra um tyranno  
De crimes cheio.  
Não deve agora da legião, que segue,  
Estar no meio?

Elle não ha de n'hora da partida  
Achar-se ausente.  
Esperai um instante e virá breve  
Mais um valente!

III.

N'alcôva sombria, prostrado no leito,  
Rasgando-lhe o peito molestia fatal,  
Revolve-se o bravo; da nave ressôa  
No espaço e retrôa da ida o signal!

Então abre os olhos á luz, encovados,  
Tristonhos, cercados do sulco da dôr;  
Levanta essa fronte, que em dias de glórias  
D'immensas victorias banhára o fulgôr!

Ai tudo compr'ende; profundo desgosto  
Incobre-lhe o rosto do mais negro véo!  
N'aquella amargura queixume sentido  
Lhe vai — dolorido — dos labios ao céu!

Depois no delirio se estorce bradando,  
Que está desertando de um sacro dever.  
As forças lhe faltam; no atroce tormento  
A cada momento parece morrer!

. . . . .  
. . . . .

IV.

Alli está na sala funeraria,  
Na mortalha envolvido á luz dos cyrios,  
Quem brevemente cingiria a fronte  
De luz mais bella!

Elle morreu como assaltada tomba  
Ave, que a plaga bem longinqua intenta  
No vôo se atirar, as companheiras  
Vendo partirem!

Finou-se como da floresta escura  
Arvore prompta a resistir aos golpes  
Do machado cruel, luzindo o raio,  
Cahe fulminada!

As hostes patrias na peleja espantam  
O mundo inteiro. Oh Deos, porque roubaste  
A's glorias invejaveis d'essa guerra,  
Aquelle bravo?

1865 — Janeiro — 20.

---

**A SOLANO LOPEZ.**

No Paraguay, oh despota,  
Já surgem brasileiros.  
Breve as serenas aguas  
Da nossa esquadra o leme  
Bem junto a teus guerreiros,  
Em Humaitá... gelados,  
Ha de cortar intrepido.  
— Treme !

O tempo urge, prepara-te !  
O de amanhã que dia !  
Do sol que brilho esplendido !  
Vai, antes que se arroje,  
— De Deus a ventania,  
O exercito invencivel  
Sobre os teus servos... ultimos.  
— Foge !

Eu sonho... augusto symbolo  
Em Humaitá plantado  
Diz ser nossa a victoria.

Cruel, quem te soccorre?  
Um povo é libertado;  
Revê soltos—seus filhos  
A patria—e tu, oh despota,  
— Morre !

Rio, 19 de Maio—1865.

**NOTA.**

Desculpem a inserção da penultima poesia nesta collecção. Attendendo a que nella ha alguma cousa do espirito patriotico que anima as outras, hão de relevar-me essa leve falta. Demais, devia eu aproveitar-me do ensejo para, ainda uma vez, levantar um tributo á memoria de quem foi meu mestre e amigo.

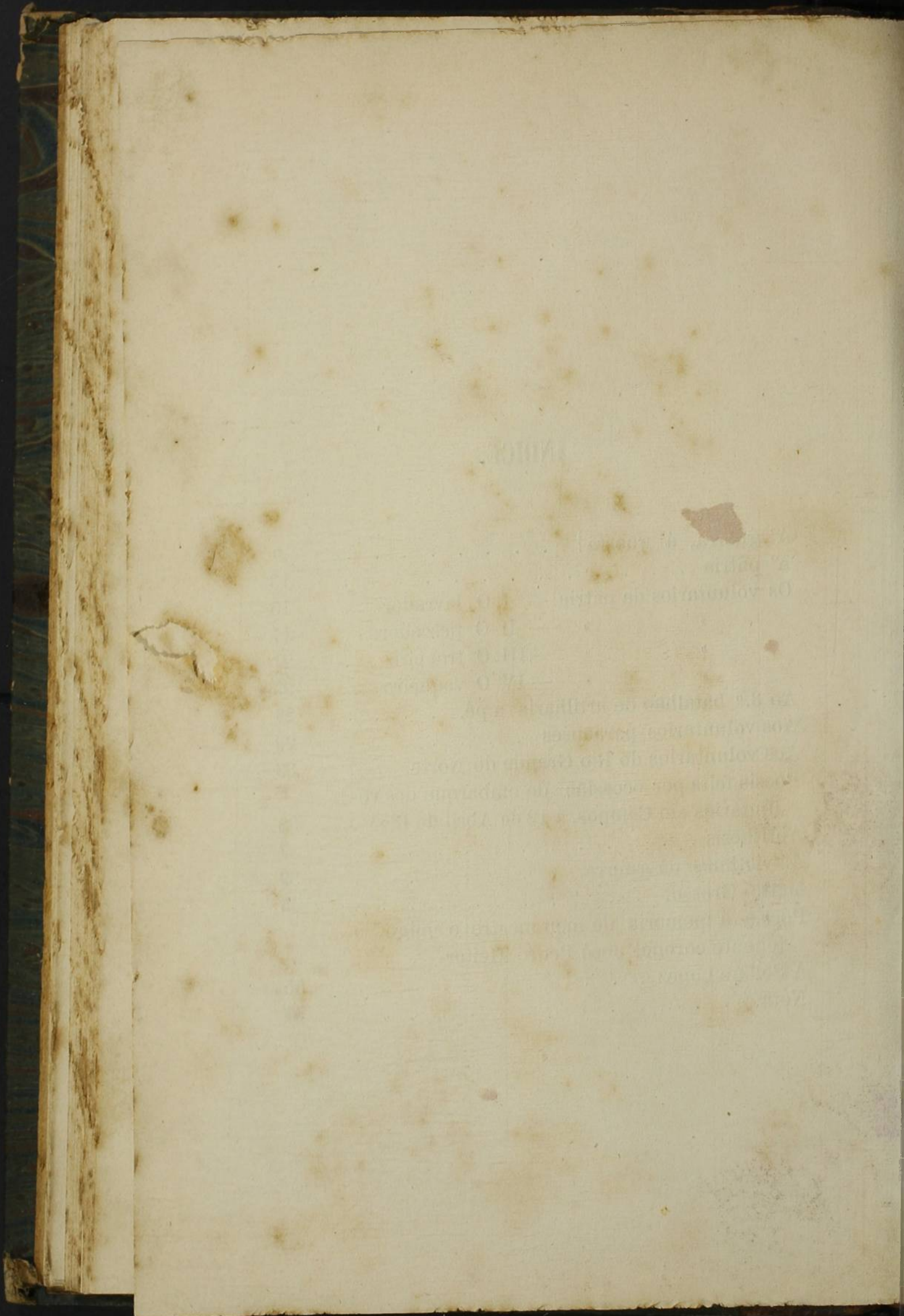
Consigno aqui meu sincero agradecimento ás illustradas redacções do *Diário do Rio*, *Chronica Fluminense*, *Mercantil*, *Monitor Campista* e *Paiz* (estas duas ultimas de Campos), que se dignaram dar publicidade a algumas das poesias deste meu livro.

...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...

...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...  
...the ...

## INDICE.

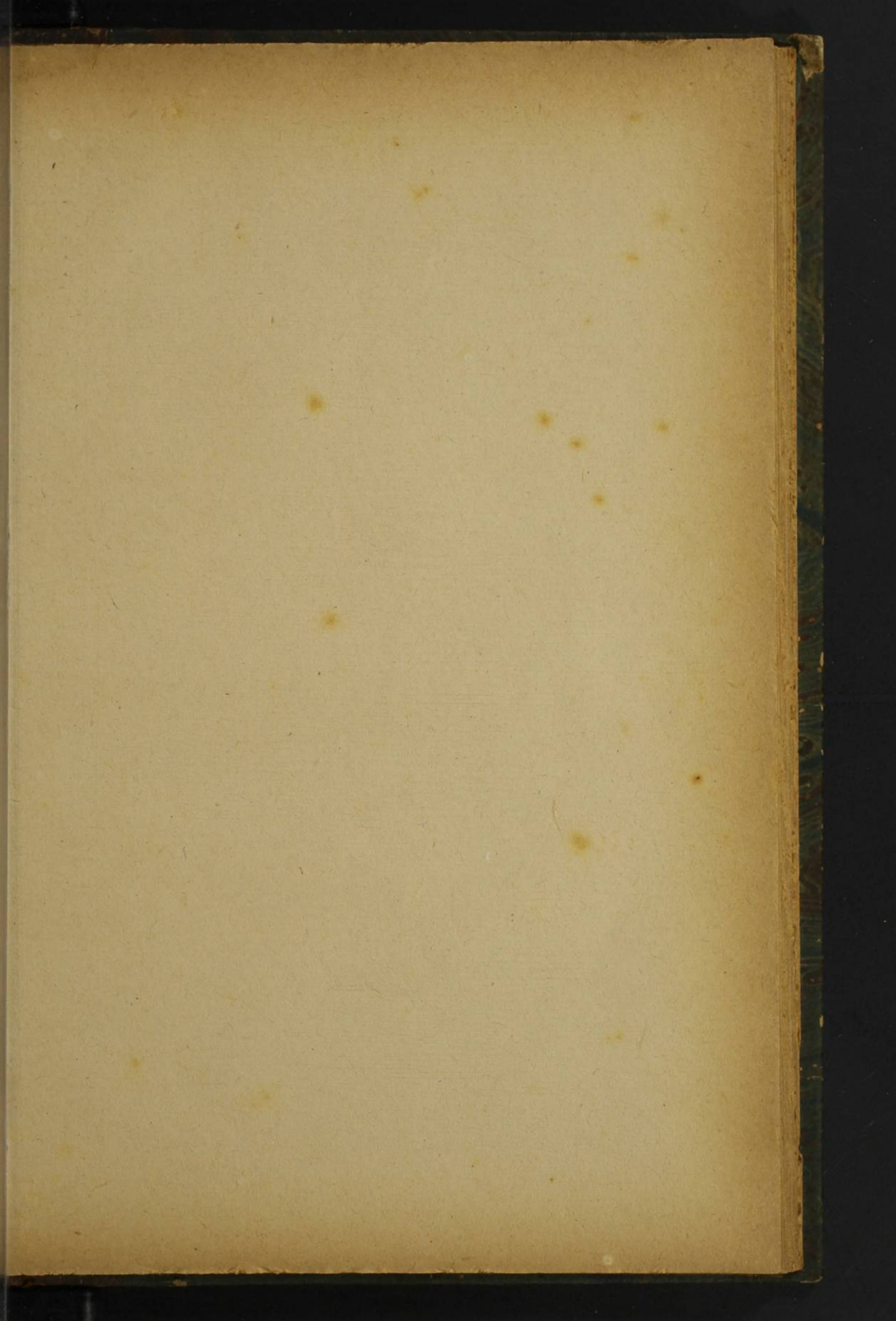
|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A' guerra, á guerra! . . . . .                                                                | 9  |
| A' patria . . . . .                                                                           | 13 |
| Os voluntarios da patria — I O lavrador. .                                                    | 15 |
| "              " — II O pescador. .                                                           | 17 |
| "              " — III O tropeiro . .                                                         | 21 |
| "              " — IV O vaqueiro. .                                                           | 25 |
| Ao 3.º batalhão de artilharia a pé. . . . .                                                   | 27 |
| Aos voluntarios paraenses . . . . .                                                           | 29 |
| Aos voluntarios do Rio Grande do Norte. . .                                                   | 33 |
| Poesia feita por occasião do embarque dos vo-<br>luntarios em Campos, a 12 de Abril de 1865 . | 35 |
| Antithesis . . . . .                                                                          | 37 |
| As victimas da guerra. . . . .                                                                | 39 |
| Matto Grosso. . . . .                                                                         | 45 |
| Poesia á memoria do meu mestre e amigo, o<br>tenente coronel José Pedro Heitor. . . . .       | 51 |
| A Solano Lopez . . . . .                                                                      | 55 |
| Nota. . . . .                                                                                 | 57 |

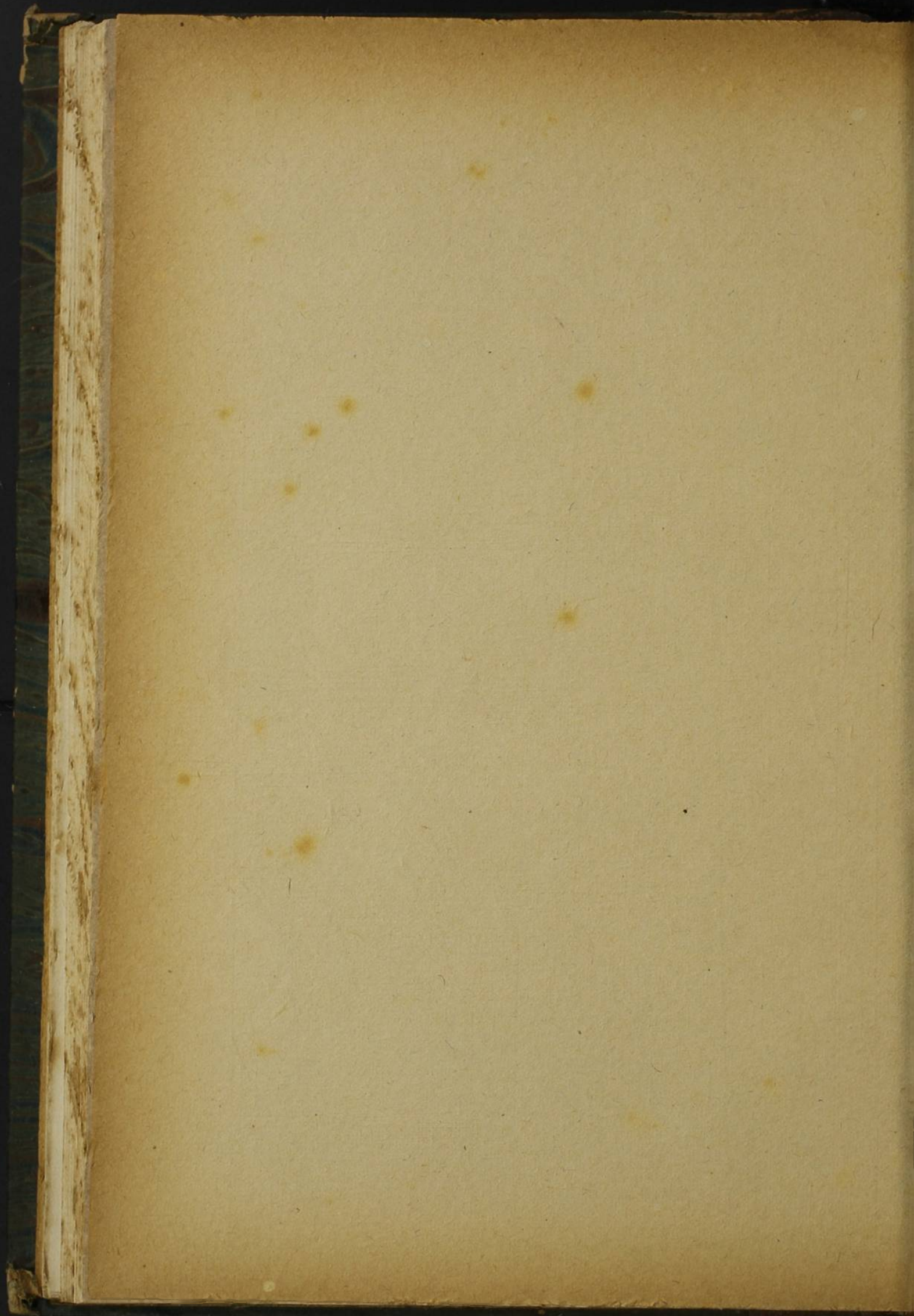


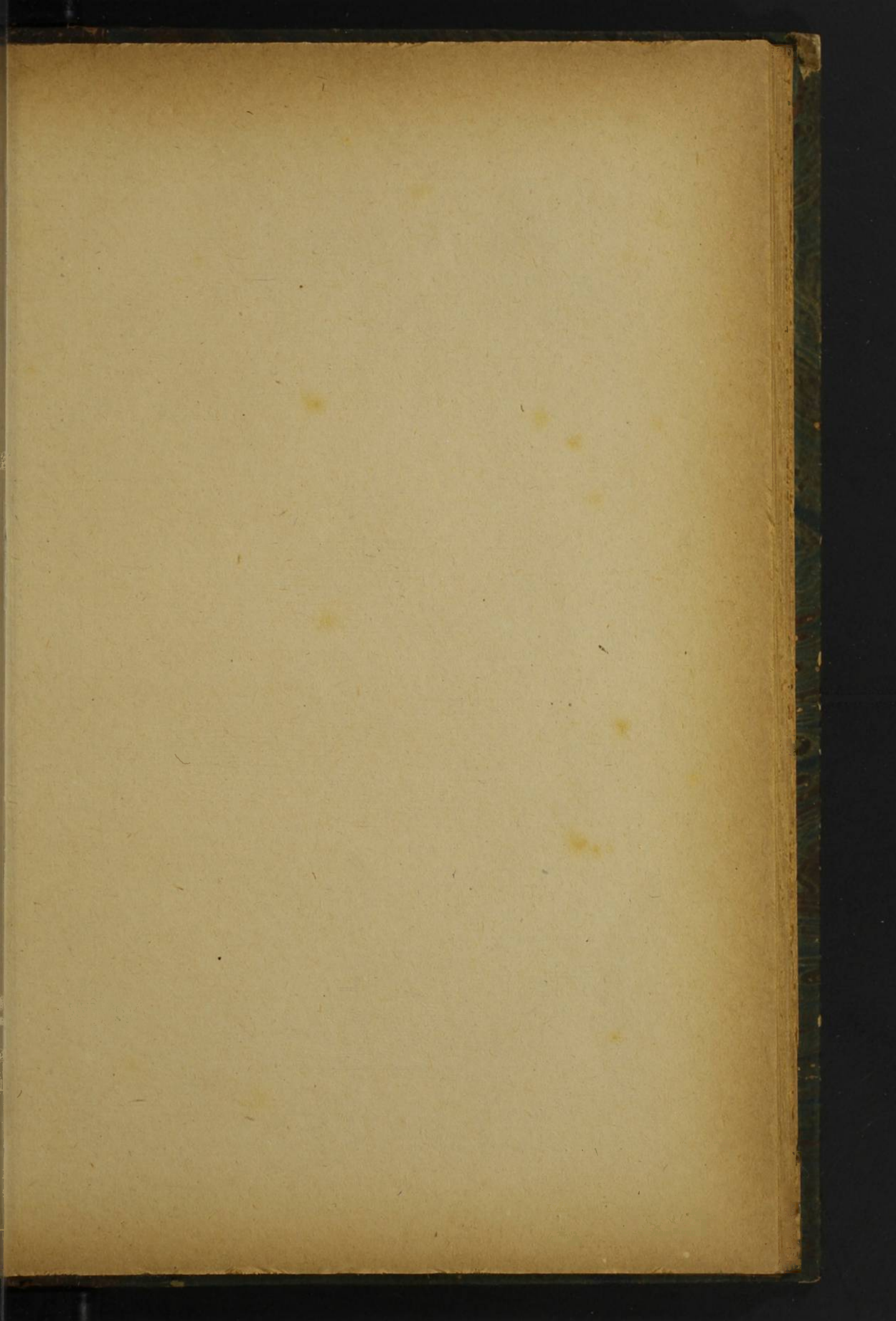


21 - Café (o tropeiro)

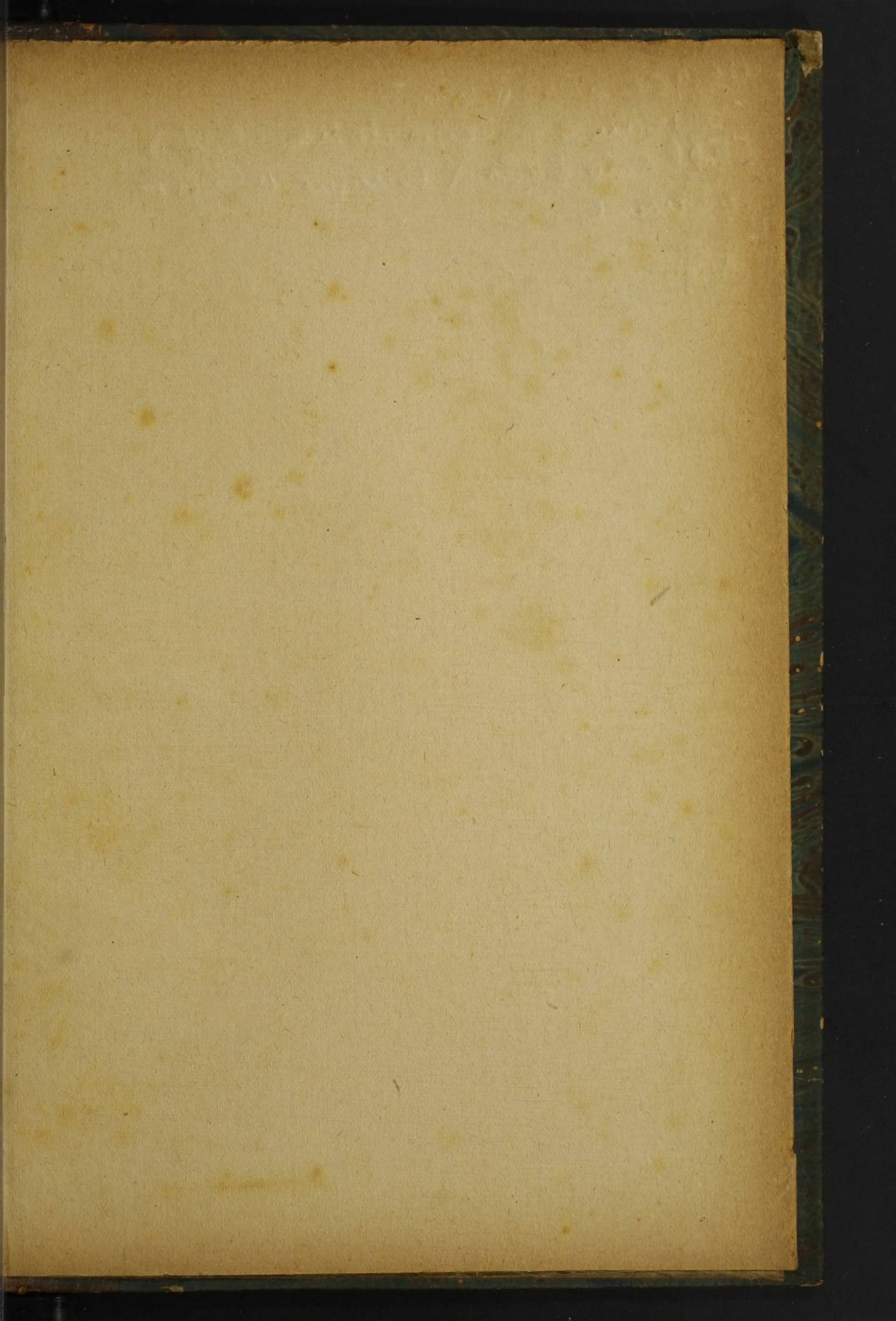
1







053695



100 - 1000000.

terra da Cruzado do Sul 2/7/77.

São João X Parque de Cascaes

Primeira

